



Director literario:

Accompagné
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Eduardo Collaço
PAPUSSE

A PRINCESA ENCANTADA

POR

M. ADELAIDE VILHENA FRAGOSO

Desenhos de TIONIO



ERAM uma vez uns reis muito poderosos. Tinham um filho formoso e de bom coração. Eram todos muito bondosos. Chamava-se o príncipe Gilberto e o reino, Venturoso, por serem lá todos muito felizes e venturosos. Uma única coisa se opunha àquela felicidade.

Havia junto ao palácio real um lindo parque, mas diziam pelo reino que, num certo canto do jardim, onde estava um

grande massiço de malmequeres, apareciam, à meia noite, formas humanas envoltas em panos brancos. Ninguém sabia ao certo o que era, pois ninguém se atrevia a chegar para o canto do parque, à meia noite. O rei e a rainha andavam também apreensivos. O seu povo começava a inquietar-se com o que sucedia no jardim do palácio. Já tinham mandado os seus vassallos, mas eles, com medo, fugiam e não voltavam.

O príncipe Gilberto via, com tristeza, as proporções que o caso ia tomando, e começou a pensar no modo de o remediar. Tanto pensou, que se resolveu ir êle mesmo espreitar, à meia noite, o que se passava no canto do parque. E, se bem o pensou, melhor o fez.

Numa linda noite de verão, saiu secretamente do palácio e encaminhou-se para o jardim. Sentou-se num banco de pedra, por detrás de uma árvore e esperou a meia noite.

Não tardou muito que se ouvisse o relógio da grande torre do palácio dar as doze badaladas. No momento em que a última soava, o grande massiço de malmequeres começou a crescer, a crescer e formou-se num rico coxim. Os malmequeres transformaram-se em donzelas. No coxim que era

da mais bela sêda, estava sentada uma donzela de formosura nunca vista. Vestia uma túnica prateada toda semeada de palhêtas douradas. Os cabelos, louros, caíam-lhe em ondas caprichosas sobre os ombros. Sobre a fronte, de jaspe, brilhava um rico diadêma, no qual se dava pela falta de qualquer pedra no centro. Um colar de finas pérolas ornava-lhe o colo de alabastro, e envolvia-a um véu todo estrelado.

(Continua na página 1)



ZAIR

TiOTONiO
AMADORA

por

Maria Pacheco

Desenhos de TIOTONIO

A noite vem descendo e mansamente o seu véu de viuvez cobre a terra. A natureza dorme. A lua aparece agora espreitando a medo o castelo, depois toma alento e e-la que surge no esplendor de toda a sua beleza. Ao longe adivinha-se o som duma flauta, som longíquo, som perdido, depois mais próximo. Como é suave o cantico! Alma apaixonada, alma de artista. O castelo dorme com a natureza, mas o som dorido da flauta despertou alguém.

Abre-se a janela rendilhada e surge um ser divino, um anjo. E' Zaír, a formosa filha do severo castelão D. Ramiro.

Melancolicamente espera que D. João se aproxime. Falam-se os loucos apaixonados.

No relógio do castelo soam pausadamente as doze badaladas da meia-noite e Zaír alvoraçada fecha a janela. Mas, é tarde. D. Ramiro viu que o moço fidalgo e gentil, persistia na paixão, mas nada venceria porque era pobre e êle só daria a sua Zaír de olhos negros, a peso de ouro.

Manhã de Maio, morna e silenciosa. O sol brinca doidamente espalhando por toda a parte os seus cabelos de ouro, e os passaritos trinam gargalhadas cristalinas.

Zaír, sonhadoramente, faz uma renda leve, tão leve como a sua gentil figurinha. Uma renda de espuma. E a sua voz dulcíssima sóbe ao azul celeste num cantico de amor.

Mas bem depressa desperta dêsse sonho vago. D. Ramiro entra, e exige-lhe com palavras cruéis que deixe de amar o joven fidalgo ou encerrá-a-há num castelo.

Passaram-se alguns dias, e D. João, não sabendo o motivo por que nunca mais vira a sua bem amada, julgando que ela teria cedido aos rogos do pai, olvidando-o, parte cheio de dôr, num galope desenfreado, procurando a morte, mas, súbito, no firmamento aparece uma estrêla linda, que mansamente vem baixando, e, duma poeira dourada, surgiu uma figura ideal de mulher, que lhe fala assim:

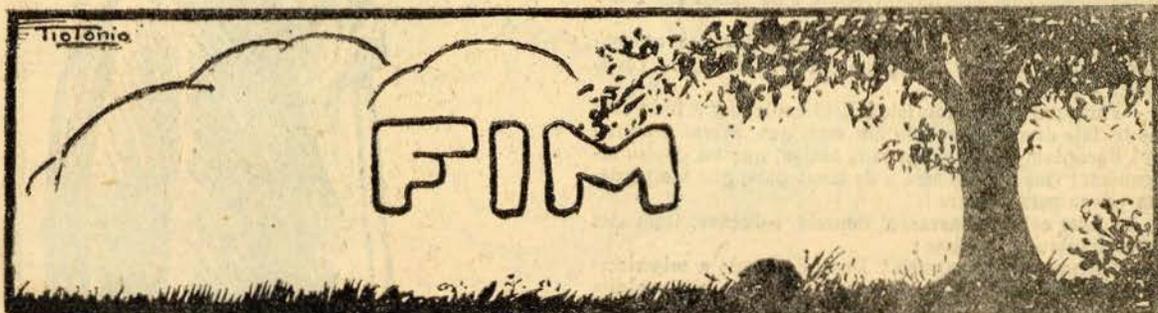


— «Insensato! Para que procuras a morte? Eu sou a Fada do Amôr, que quer a tua felicidade e a daquela de quem te julgas esquecido!... Toma esta nóz e parte imediatamente. Depararás com uma velha, que é uma terrível feiticeira e que, por ordem de D. Ramiro, está de guarda à tua linda Zaïr. Arremessa-lhe à cabeça com o que acabo de te dar, e sê feliz.» — E com um gentil sorriso, subiu lentamente, numa aureola de luz,

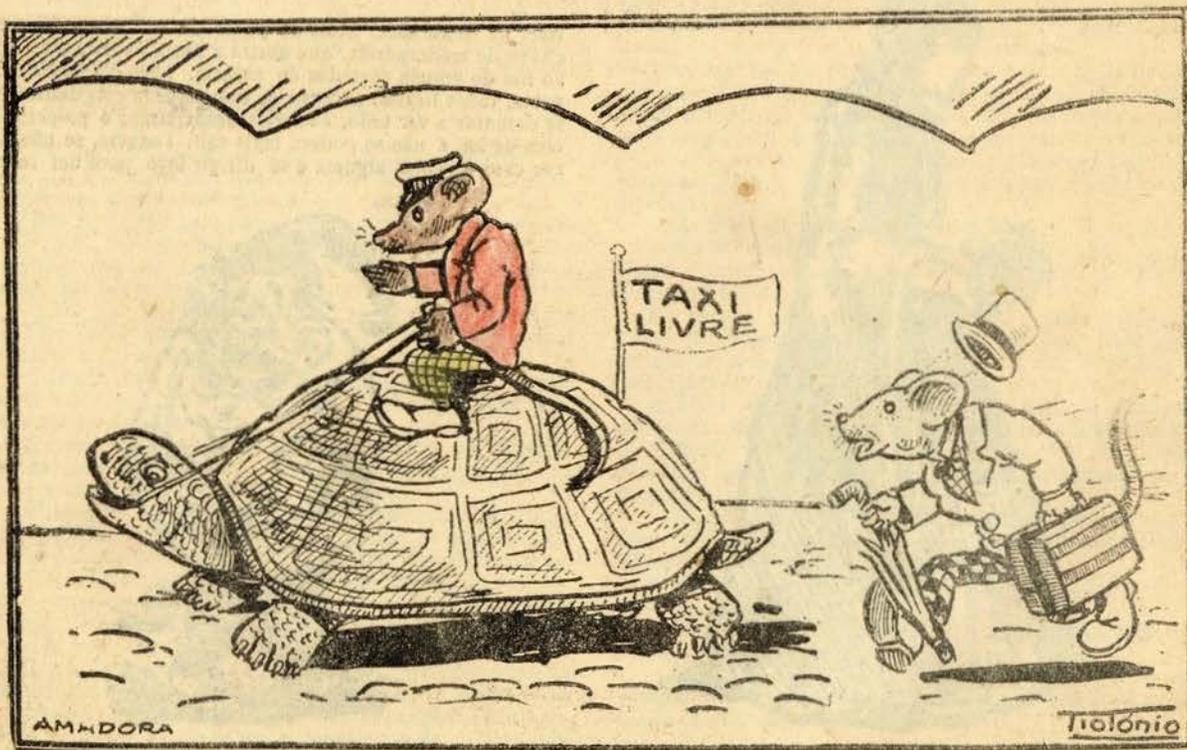
D. João galopa no seu corcel negro, tão negro como a noite.

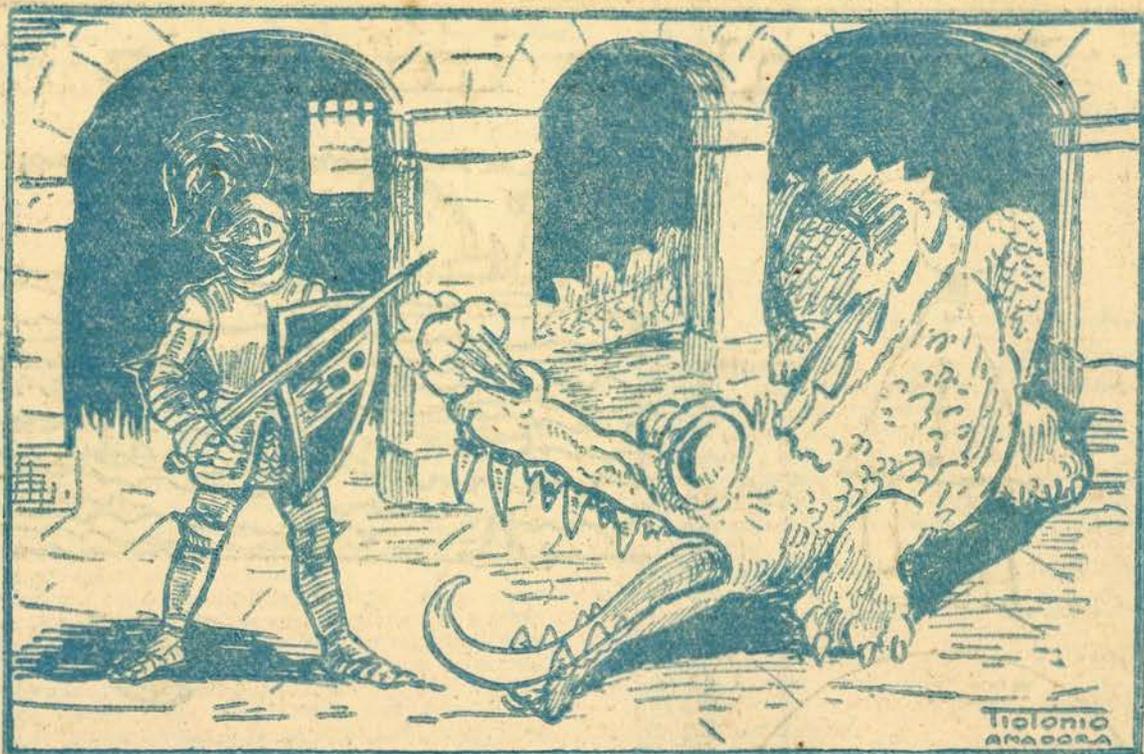
Avizinha-se a floresta. Cautelosamente procura a forta-

leza... Lá está vma terrível velha, que permanece imóvel, D. João arremessa de uma mão certa, a noz, e ouve-se um grito horrível que ecoou pela floresta como um uivo de fera moribunda. A velha bruxa, mortalmente ferida, procura num derradeiro esforço, pelas suas artes mágicas, fechar para sempre a porta da fortaleza, mas é tarde. D. João já a tinha transposto, e desvairado pelo seu amôr, foge no seu corcel com Zaïr. Entregues à felicidade de estarem finalmente livres, e para bem longe vão, para uma montanha branca, muito branca, onde sôs com a Natureza possam gozar o seu eterno Amôr.



PARA OS MENINOS
 ::: COLORIREM :::





onde está um estojo de madreperola, abrir e tirar a grande pérola do meu diadema, que lá está guardada, poderá vencer todos os obstáculos que se lhe apresentem à saída do palácio. A pérola é um talisman muito poderoso. Depois, quem vier aqui, à meia noite, e me colocar a pérola onde ela falta, todo o encantamento em que estou desaparecera e poderei voltar a ser o que era.

Mas quem saberá isto que estou dizendo?! Todos aqui tem medo de nós e a fada maldita não descobre a ninguém o seu segredo.

— Ai pobre de mim! Ao acabar de proferir estas palavras, deu uma hora e tudo desapareceu, ficando apenas o grande massiço de malmequeres.

O príncipe que vira e ouvira tudo por trás da árvore levantou-se do banco em que se sentara e pelas faces rosadas deslizaram duas lágrimas. Comovera-o a triste sorte da pobre princesa encantada. Ficara enamorado dela e ia tentar tudo para a salvar.

Seguiu para o palácio, deitou-se mas não conseguiu dormir.

No dia seguinte levantou-se e mandou perguntar a seu pai se o podia receber. Recebeu resposta afirmativa. Encaminhou-se para os aposentos do pai e entrou.

Depois de lhe beijar a mão respeitosamente, disse: Venho pedir a Vossa Magestade, meu pai, permissão para me ausentar durante uns dias. Desejo fazer uma viagem de estudo, mas quero ir só. Não se inquietem comigo.

O rei não se resolvia a deixar partir o filho que tanto amava. Temia que lhe acontecesse alguma desgraça. Afinal deu-lhe a permissão pedida.

Gilberto saiu do palácio e encaminhou-se para o mar onde embarcou num navio. Não levava equipagem pois não queria divulgar o seu segredo.

Depois de alguns dias de viagem avistou um rochedo, no meio do mar. Calculou ser o que procurava por ter uma cor avermelhada como a princesa dissera.

Chegou-se a ele e bateu três pancadas na rocha. Logo ela se abriu mostrando uma grande escada de madreperola. Ao fim havia um paucio de coral, mas á porta estava um enorme polvo que bastava para fazer morrer de susto os mais corajosos. Todavia, Gilberto avançou para a porta e entrou. O polvo não lhe fizera mal algum. Procurou por trás da porta e achou a chave de madreperola com a qual abria a sala que estava ao fim do grande corredor. Ao abri-la, porém, ficou encantado com o que via. Ao meio da sala havia um repuxo que se desfazia em pequeninas perolas de todas as cores. As paredes eram de madreperola que, com a luz que iluminava a sala, tinha reflexos azu-

lados. Sem saber donde partiam, ouviam-se uns sons harmoniosos, certamente as ninfas a cantar. O príncipe Gilberto ficaria ali sempre se não se recordasse que tudo aquilo era encantamento e que dum momento para outro podia ali ficar prèso para sempre. Dirigiu-se para um nicho onde estava um estojo de madreperola. Abriu-o e tirou a grande pérola da princesa.

Saiu logo da sala; mas ao chegar á porta da saída do grande palácio encontrou-a fechada. Começava a desesperar de a abrir, mas lembrando-se o que a princesa dissera do poder da perola que levava, tocou com ela na grande porta fechada e logo esta se abriu. Subiu para o seu navio e tomou o rumo da terra. Chegado ali foi para o palácio onde o rei e a rainha já estavam em cuidados pela demora do filho. Nada lhes disse do que se passava e esperou pela noite para acabar o trabalho que empreendera.

Logo que deram onze horas correu para o canto do jardim onde vira a linda princesa e sentou-se num banco atrás duma árvore. Ao darem as doze badaladas da meia noite tudo reapareceu como na noite que o príncipe espreitara.

A princesa repetia as suas lamentações e as aias tudo tentaram para a divertir. Tudo era inútil porque ela só repetia:

— Ai pobre de mim! Quem me salvará?

— Salvar-vos-hei eu, princesa, disse Gilberto aparecendo repentinamente. Aproximou-se da princesa atônita e colocou-lhe a perola no diadema.

No mesmo instante a terra tremeu e duma nuvem de fumo que apareceu no ar saíram as palavras: Maldição! Descobriram o segredo! Era a má fada que encantara a princesa, que soltara aquelas palavras.

A linda princesa, então, dirigiu-se a Gilberto e tomando-lhe as mãos falou-lhe assim: Como vos hei-de agradecer, Alteza, o serviço que me prestastes. Pedi tudo o que quizerdes, pois sou bastante rica. Sou princesa como vós e os meus pais vivem no reino da Felicidade.

— Alteza; disse Gilberto, só vos peço uma coisa: O vosso amor. Desde que vos vi fiquei enamorado de vós e desejo-vos ardentemente para minha esposa.

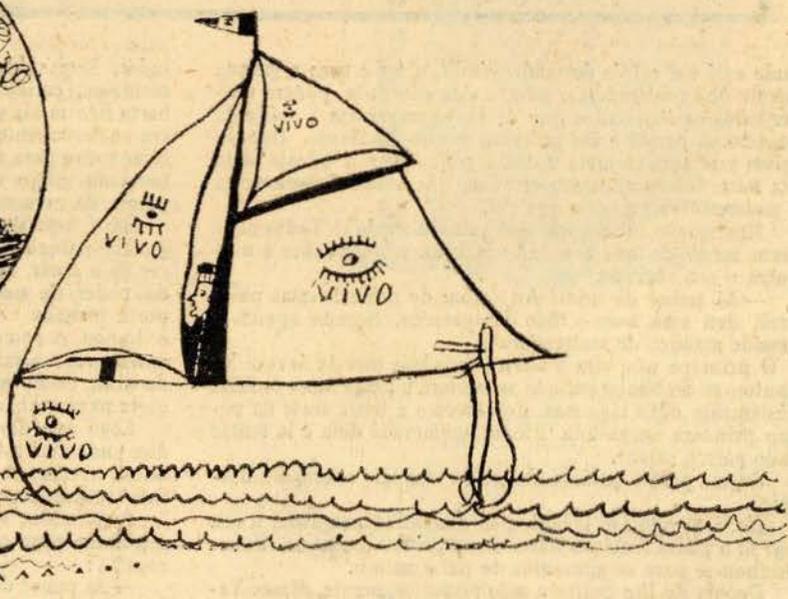
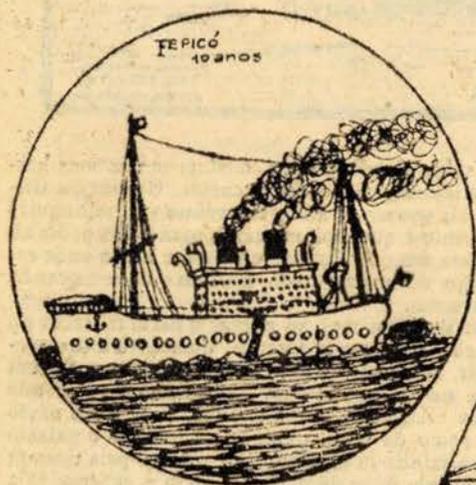
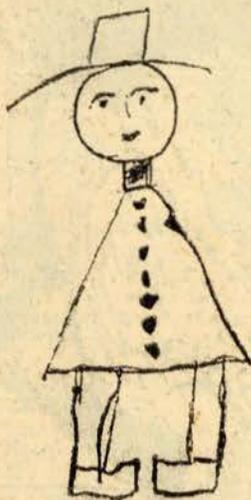
A princesa aceitou porque, disse ela, também gostava muito do seu salvador.

— Entretanto, continuou ela, é necessario que conheça a minha história. Vou contá-la.

— Não, respondeu o príncipe, contá-la-heis em frente de meus pais a quem vos vou apresentar. Segui-me com as vossas aias ao palácio.

(Continúa na página 7)

Desenhos infantis



DESENHOS INFANTIS

LIÇÕES POR TIOTONIO

(Continuação)

O PAPEL — Póde desenhar-se, a bem dizer, em qualquer superfície, desde que os traços ou manchas, se destaquem nitidamente.

Um rabisco a carvão, numa parede clara, pode ser uma obra de arte, desde que seja feito sob uma inspiração feliz. Para os nossos trabalhos, qualquer papel serve, desde que não tenha linhas, não seja transparente nem passento.

Ha grande número de qualidades de papel para desenho, das quais enumerarei algumas por simples curiosidade. Quási todos, teem uma preparação com base de cola, e que lhes dá uma superfície mais unida e evita o efeito de absorção, que se dá no papel passento.

Para lapis usa-se principalmente o papel «Ingres» (nome de um pintor célebre), que tem uma superfície rugosa, sendo geralmente branco ou amarelado. Pode ser empregado para lapis carvão ou de plumbagina (ao que chamam «chumbo») e até mesmo aguarela posto que outros lhe sejam preferíveis.

Para desenho à pena, não é muito recomendavel. Há os papeis *Arches*, *Canson*, o chamado *cavalinho* e suas imitações, os quais apresentam granulos mais pequenos sendo por isso applicaveis sobretudo em desenhos à pena e à aguarela provas a tira-linhas e desenhos industriais.

Os papeis «Watman» tem varias gradações com granulos mais ou menos finos sendo os preferidos em trabalhos de luxo e bem assim todos os trabalhos de precisão. São perfectos em aguarela.

Como são muito caros, não deverão ser empregados se não mais tarde.

Para «croquis» ou esboços serve o papel que apresente

uma superfície unida e clara que tome bem o traço do lapis e que se apague sem deixar vinco.

Os papeis «*couchés*» são detestaveis para o efeito. O papel «Bristol» e muito empregado em desejos à pena, havendo tambem em varias espessuras.

Ha ainda os papeis de cor «*mate*» empregados no processo de desenho a *dois lapis*, *gouache*, etc.

O papel desenho tem direito e avesso, o qual se observa à transparencia pela marca de água do fabricante, ou, vendo a parte onde os granulos são mais largos e ondulados, o qual é o direito.

É conveniente o emprego de um cartão ou estirador de madeira e alfinetes.

As «*punaise*» são condenaveis a meu vêr, por inutilisarem muito rapidamente o cartão.

O LAPIS — Para iniciar, o lapis Faber n.º 2 ou qualquer lapis macio, serve à maravilha!

BORRACHA — Deve ser tão macia que se possa dobrar entre os dedos sem quebrar.

Não é preciso carregar muito para apagar. Esfrega-se ligeiramente.

Lembrem-se que um bom desenhador, poucas vezes se serve da borracha.

Depende do trabalho de reflexão antes de trabalhar.

(continúa)

No próximo número, primeiros exercicios.

TIOTONIO

A PRINCESA ENCANTADA

(Continuado da página 5)

O rei e a rainha estavam à janela, pois já era dia e ficaram muito admirados de vêr vir Gilberto dando o braço a tão linda donzela. Sairam-lhe ao caminho e depois de saberem de que se tratava, voltaram todos para o palácio muito satisfeitos.

A princesa pediu licença para contar a sua historia.

— Sou filha dos reis que vivem no reino da Felicidade. A formosura com que Deus me dotou foi talvez a minha desgraça. Uma má fada, invejosa, quiz-me forçar a casar com um filho dela, que na maldade era como a mãe. Eu não quiz, como devem calcular. Um dia andava eu passeando com as minhas aias, nas aleas do meu jardim, appareceu-me na frente o filho da maldita fada. Mais uma vez me pediu o meu amor, mas eu, recusei sempre. Ele ia a agarrar-me para me levar, porém, eu finha um talisman que uma fada minha madrinha me dera, e que era afinal, a pérola maior do meu diadema. Arranquei-a desse adorno e toquei com ela o filho da má fada, que logo se transformou num môcho que voou. Fiquei livre dele, mas não da mãe. Ela, para se vingar, uma noite entrou no meu quarto, sem eu saber como, e proferiu estas palavras que me parece ainda estar a ouvir: Princesa, maldita sejas. O meu ódio por ti é tão grande, que preciso duma vingança. Serás transformada num grande massiço de malmequeres, assim

como todas as tuas aias, mas não ficarás no teu jardim, para assim não podêres vêr teus pais. Só te será dado tomares a forma humana, da meia noite à uma hora. Nada te poderá valer, pois mesmo o teu talisman já tenho em meu poder. Irei depositá-lo no fundo do mar onde tenho o meu palácio. Dito isto desapareceu, continuou a princesa, e eu senti-me transportada para aqui, onde fiquei com as minhas aias, transformada no massiço de malmequeres que havia num canto deste jardim. Ao princípio ainda tive esperanças que alguém nos visse, mas logo reconheci com desgosto, que todos fugiam de nós com medo. Mas, enfim, viestes vós príncipe, que me salvaste. Esquecia-me de vos dizer que me chamo Diana. Só espero agora o momento de ir ter com meus pais que me julgam perdida, e apresentá-lhes o príncipe Gilberto, meu salvador e meu noivo.

No dia seguinte partiram todos para o reino da Felicidade, onde se fizeram muitos festejos em honra da princesa que ninguém já pensava em tornar a vêr.

Passado tempo realisaram-se os esponsais de Gilberto e Diana, que hoje teem muitos filhinhos, tão formosos como os pais, que vivem felizes e amados pelo seu povo.

Bendito e louvado
Meu conto acabado.

O P I Ã O

Por

ROSA

SILVESTRE

Desenho

de

TIOTONIO



FEZ seis anos o João
E só tem uma ambição:
Saber deitar o pião!

Já não gosta do cavalo
De cartão,
Nem lhe apetece montá-lo.
O chicote, o arlequim,
A grande bola de cores,
Que já foram seus amores,
Perderam todo o encanto;
Lá estão abandonados,
Desprezados,
A um canto
Do Jardim.

Um pião! Lá isso sim!
Que bonito!!
E depois, é exquisito,
—Pois não é?—
Como ele pode dançar,
Sem parar,
Nem tombar,
Só num pé!

E' um grande bailarino;
Ninguém o pôde negar,
E quando dorme,
Fazendo um zumbido enorme,
A rodar, a rodar,
Equilibrado,
Chega a parecer
Que está parado!

Depois, cansado,
Tombo para aqui,
Tombo para ali,
O pião,
Róla no chão.

Mas logo o barão
Enrolado com geito,
A preceito,
O faz de novo bailar,
Sem parar
Durante um grande pedaço!

O pior é que o João
Inda não sabe deitar
O pião!
E riem-se dele
Os outros rapazes
Que já são capazes
De o apanhar,
Sempre a dançar
Na palma da mão!

Vendo o pequenito
Assim, tão aflito,
O bom avôsinho,
Que já é velhinho
E mal pôde andar,
Chama-o a sorrir:
—«Vem cá, João!»
Eu vou-te ensinar!»

E com saudade,
A recordar
Os tempos idos,
Diz ao netinho:
— Na tua idade
Já eu era um valentão!
E os rapazes mais crescidos,
Se se atreuiam comigo,
Não ficavam sem castigo,
Isso não!»

Certo dia,
Finalmente,
O nosso Joãozinho
Conseguiu deitar sozinho,
O pião, que redopia,
Com alegria,
No chão.
E então,
O pequeno, ri, contente,
Julga-se um homem valente!
E o avôsinho,
Velhinho,
De olhos fitos no pião,
Que, rapidamente,
Dança, dança, dança...
Sonha que ainda é criança,
E chora de comoção...